



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

UM CORPO-INFANTE ENTRE DESVIOS, DEVIRES E BNCC

Maria Eduarda Glória Neves - UEA

Monica Silva Aikawa - UEA

Mônica de Oliveira Costa - UEA

RESUMO

Esta escrita tem como objetivo rascunhar as caracterizações dos corpos infantes na Base Nacional Comum Curricular, produzindo borrões, com as lentes da Filosofia da Diferença em Deleuze-Guatarri e Foucault, frente a prescrições estigmatizantes acerca do que pode esse corpo. Assim, em uma posição de licencianda em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas, me proponho a movimentações com o que se tem assentado sobre um viver infante no documento estudado e busco frestas desviantes mediante esses assentamentos. Discutimos um viver infante este que é híbrido, carregado de criações e experimentações que vazam de conhecimentos científicos e prescrições estabelecidas. Assim, abrindo possibilidades para uma Pedagogia desconfiante, que religa as infâncias com o corpo-vida e a sua potência inventiva.

Palavras-chave: Infância(s), Currículo, Filosofia da Diferença.

INTRODUÇÃO

Pensando nas infâncias, pretendo através desta escrita pelas lentes nômades de um professorar-pesquisador do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) em aproximações com o Projeto de Iniciação Científica¹ (PAIC/FAPEAM), os pensares das infâncias e suas relações com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Em meio a isso em estudos proporcionados pelo Grupo de Pesquisa Vidar em In-Tensões, crio relações com os estudos que pensam o corpo-infante enquanto um espaço não-cronológico do corpo, o acontecimento, à arte, ao inusitado, ao intempestivo (Abramowicz, 2009), tendo como aporte teórico em Deleuze e Guatarri em linhas de fuga, corpo em Spinoza, poder em Foucault e noções de Infâncias em Abramowicz, Levcovitz e Rodrigues.

Nessa perspectiva, o objetivo se mobiliza em rascunhar as caracterizações dos corpos infantes na Base Nacional Comum Curricular, produzindo borrões, com as lentes da Filosofia da Diferença em Deleuze-Guatarri e Foucault, frente a prescrições estigmatizantes acerca do que pode esse corpo. Com isso, sigo experimentando desconfianças às prescrições deste documento, a fim de uma produção outro diante da forma que a BNCC entende as

¹ Trabalho apresentado como resultado de projeto de iniciação científica financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Amazonas – FAPEAM.



caracterizações desses rascunhos, e em como ela prescreve o afastamento das ideias de uma educação mais próxima à vida.

Enveredo, então, a pesquisa em um pensamento desviante com as infâncias: de um modo sonhador, heterotópico, em experimentações desses supostos direitos, previstos em documento, em alinhamentos com a Filosofia da diferença que produz linhas de fuga contra a lógica neoliberal de governo da vida. Assim, reflito sobre a urgência de promover um encontro de re-ligação das infâncias com o corpo-vida e a sua potência inventiva. Pois a Educação Infantil movimenta-se num alargamento do espaço da experiência da infância enquanto espaço de criação (Abramowicz; Oliveira, 2013).

METODOLOGIA

A Filosofia da diferença (Deleuze; Guattari, 2011, 1992; Foucault, 1987, 2010, 2013) em encontro com minha formação inicial me lançou a captura de um olhar nômade com as infâncias e tenho-a como ponto de partida metodológico na pesquisa. Assim, me convocou ao convite de entender as infâncias, não como algo que possa ser reduzido e totalizado em documentação que prescreve habilidades e competências a serem desenvolvidas em certa idade, mas em um modo a experimentações de suas pluralidades, deslocando o significado da diferença e negando que tenta reduzir a diversidade a um elemento comum (Schnorr; Rodrigues, 2014).

Essa possibilidade me redireciona a outras de criação de formas de vida, contrariando todo e qualquer modo de vida totalitário e unificando, que vive com as infâncias a partir da supremacia da adultez. A infância precisa ser vista por elas mesmas. A cada olhada, um rosto diferente (Tadeu, 2002), em um contínuo ser-sentir-viver em meio às experimentações de um corpo desejante que clama por novas formas de existir e viver.

A Filosofia da Diferença nos exige nadar com as correntezas das “diversidades existentes no mundo pulsante, que cria a todo momento uma nova direção para o pensamento e os conceitos” (Schnorr; Rodrigues, 2014, p. 40). Dessa forma, pensando o corpo e a alma em Spinoza (Tadeu, 2002) como uma única substância, não atribuí assim um poder supremo somente aos aprendizados curriculares, mas das experiências corpóreas e da alma como uma única substância, interpenetrantes em suas afecções de uma dada realidade e experiência, seguimos com a leitura do documento curricular.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

REFERENCIAL TEÓRICO

Como referencial teórico, utilizo autores como Deleuze e Guattari, Foucault, Abramowicz [et. al.], Sandra Corazza e Tomaz Tadeu entre outros, para explorar ideias sobre currículo, corpo e infância, investigando-os à luz do pós-estruturalismo. Esses corpos são vistos como criação, “acontecimento, à arte, ao inusitado, ao intempestivo. Vincula-se, portanto, a uma espécie de des-idade” (Abramowicz; Levcovitz; Rodrigues, 2009, p.180).

Ao analisarmos a BNCC, encontramos várias características curricularizadas que delineiam como devem ser os corpos de bebês, crianças pequenas e crianças bem pequenas. Nesse contexto, a concepção de infâncias inventivas emerge como contraponto a esse projeto curricularizador comum, que busca homogeneizar um sujeito ideal que cumpra seus direitos e deveres como cidadão disciplinado. Dessa forma, compreendemos o currículo em seu papel de:

Empurrar a criança para a socialização é dar-lhe o formato de cidadão, o direito de viver entre os pares e de ter sua proteção assegurada. A escola, assim como a família, a igreja, o quartel, o hospital, acolhem, amparam na mesma medida que corrigem e moldam os desviantes potenciais. O aparelho disciplinar dociliza e produz o corpo, constrói-lhe novo mobiliário, cria paladares, recorta o tempo, esquadrinha o deslocamento, define papéis, e vigia (Abramowicz; Levcovitz; Rodrigues, 2009, p. 188).

Assim, proponho um olhar para esses corpos-infantes enquanto um “corpo sem órgãos”, “que possibilita o movimento do outro que não é eu, o movimento do que está em fuga. É só nesse despejo que é possível se (re)criar. Só se vive morrendo. O exercício da desformalização: é isso que é próprio da criança.” (Jódar, 2002, p.37)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A BNCC é um documento de caráter normativo que preceitua as competências e habilidades em cada etapa da educação, no caso em que aqui trago, a Educação Infantil, sendo então uma referência nacional para a formulação do currículo e propostas pedagógicas. Assim, sobre os corpos-infantes, a BNCC destaca uma concepção de criança:

como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola (Brasil, 2018, p. 34).

Dessa forma a formulação da BNCC entende o corpo-infante enquanto esse sujeito de relações ativas, que vive em constante produção de identidades e culturas a cada novo



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

descobrir: em seu brincar, em suas afetações, em seu desejar... Porém, ao pensar em um currículo que possa vir a valorizar esses devires-infantes, os conceitos de infância e seu entendimento por corpo se confrontam, limitando o que pode esse corpo dentro de intencionalidade educativa, objetivos de aprendizagem e desenvolvimentos. Isso se destaca quando indica que “as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências” (Brasil, 2018, p. 40).

Outro ponto a ser levantado é atrelar essa “aprendizagem” infante em um estimado tempo cronológico quando as separa em creche com bebês (zero a 1 ano e 6 meses) e crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses), pré-escola com crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses). Pergunto-me sobre o significado de “bem pequenas”, não seriam enfim, crianças? Nos chama atenção até mesmo quando no campo de experiência “Corpo, gestos e movimentos” (Brasil, 2018, p. 43), esse corpo é vinculado ao privilégio das práticas pedagógicas com seus objetivos focalizados na emancipação e liberdade do sujeito. Ou mesmo quando um campo de experiências consegue objetivar “pensamento e imaginação” (p. 45-46), há como objetivar pensamento e imaginação? Como curricularizar infância(s) e seus pensamentos e imaginação?

Assim, os agenciamentos normativos de um currículo uníssono seguem contendo as alteridades que vazam. Seguem na busca de agenciar o que se deve ou não brincar, como se deve rir, de que forma se deve educar, até onde sua criatividade pode chegar... A curricularização da infância expressa nessa BNCC, além de palavras bonitas, um projeto de contenção, um projeto de busca homogeneização de corpos infantes em um modelo igualitário de vida. Nós professoras nos pensamos nômades, em criações de currículos nômades, pois “Se os nômades nos interessaram tanto, é porque são um devir, e não fazem parte da história; estão excluídos dela, mas se metamorfoseiam para reaparecer em outro modo, sob formas inesperadas nas linhas de fuga de um campo social (Deleuze, 1992, p. 191).

Uma educação na infância atravessada pela Filosofia da Diferença envolve rejeitar essas amarras que buscam o disciplinamento e suprime todo saber-poder e controle sobre corpos. Uma educação que trace linhas de fuga infantes, que abra alas para um currículo intempestivo, botando a normatividade dessas prescrições para dançar. Um currículo que, por si só, seja dançante, profundamente indisciplinado, questiona as hierarquias e assentimentos, regimes de propriedade e legitimidade (Corazza, 2002, p.134). Cabe-nos que a “única desconstrução que conta é a auto-desconstrução. Um professor assim tem muita chance de botar um currículo pra dançar” (Tadeu, 2002, p. 52).



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessas discussões, entendemos a infância prescritas na BNCC como esse corpo-infante ativo na construção de identidades e culturas através de brincadeiras, afetos e descobertas. Contudo, ao tentar incorporar essas dinâmicas em um currículo que desconsidera as diferenças, surgem confrontos entre esse pensar infante adultocêntrico que busca docilizar corpos para formar “bons cidadãos”. Assim, ao reconhecermos essa tensão, novos caminhos potentes de criação se ampliam possibilidades a novas formas de vida. Esse processo busca criar espaços para experiências que rascunham transcendências de limitações do conhecido, abrindo frestas para uma educação do intempestivo.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, A.; LEVCOVITZ, D.; RODRIGUES, T. C. Infâncias em Educação Infantil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 179-197, set./dez. 2009.
- ABRAMOWICZ, A.; OLIVEIRA, F. A infância analisa a educação básica. **Revista Education Acta Scientiarum**, Maringá, v. 35, n. 2, p. 293-300, jul./dez. 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CORAZZA, S. M. Noologia do Currículo: vagamundo, o problemático, e assentado, o resolvido. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 27, n. 2, 2002.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: Edições n-1, 2013.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
- JÓDAR, F.; GÓMEZ, L. Devir-Criança: experimentar e explorar outra educação. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 27, n. 2, 2002.
- TADEU, T. A Arte do Encontro e da Composição: Spinoza + currículo + Deleuze. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 27, n. 2, 2002.
- SCHNORR, S. M.; RODRIGUES, C. G. A possibilidade de pensar a filosofia na perspectiva da diferença: impregnando a formação de professores e experimentando o inédito. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 19, n. 3, p. 36-49, set./dez. 2014.